

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM JANE BIRKIN
3 e 4 de outubro de 2023

JANE B. PAR AGNÈS V. / 1988

um filme de Agnès Varda

Realização: Agnès Varda / **Argumento e Texto:** Agnès Varda / **Fotografia:** Nurith Aviv e Pierre-Laurent Chenieux / **Música:** Manfredini, Chopin, Serge Gainsbourg, Joanna Bruzdowicz, The Doors / **Som:** Olivier Schwob e Jean-Pierre Mugel / **Montagem:** Agnès Varda e Marie-Josée Audiard / **Interpretação:** Jane Birkin (Jane Birkin), Agnès Varda (Agnès Varda), Serge Gainsbourg (Serge Gainsbourg), Charlotte Gainsbourg (Charlotte Gainsbourg, a filha de Jane Birkin e Serge Gainsbourg), Mathieu Demy (Mathieu Demy, o filho de Agnès Varda e Jacques Demy), Philippe Léotard (o pintor), Jean-Pierre Léaud (o apaixonado colérico), Farid Chopel (o "colonialista"), Laura Betti (o "Bucha"), Alain Souchon (o leitor de Verlaine), etc.

Produção: Agnès Varda para Ciné-Tamaris e La Sept / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, legendada em português, 97 minutos / **Estreia Mundial:** Festival de Berlim, Fevereiro de 1988 / Inédito comercialmente em Portugal.

Jane B. par Agnès V. começa e acaba em aniversários de décadas. No princípio do filme, nesse quadro vivo, onde a Escola de Fontainebleau se associa à de Veneza, Jane Birkin evoca o dia dos seus 30 anos, e os vômitos desse dia ("30 ans, c'est pas beau"). No fim, Jane Birkin comemora o seu 40º aniversário e recebe os presentes de toda a equipa.

A ideia do tempo, da passagem do tempo ("le temps goutte à goutte") preside a este filme, como a tantos outros de Agnès Varda. Preside-lhe, igualmente, o culto da cinefilia, igualmente uma constante na obra da cineasta. O tempo de **Jane B.** é o tempo de uma atriz e a memória cinéfila é a memória associável a Jane Birkin (do **Blow-Up** de Antonioni aos filmes de Gainsbourg e Doillon, entre a "explosão" dos anos 60 e o refluxo dos anos 70).

Agnès Varda sublinhou, aliás, a propósito de **Jane B.** essa importância da idade da atriz, e do peso mítico dos anos da década (os 30, os 40). Eis como contou a génese deste filme: "Jane tinha visto **Sans Toit Ni Loi** e ficou tão perturbada que me escreveu uma carta de quatro páginas... ilegíveis! Calculei que as tivesse escrito para me dizer que tinha gostado e convidei-a a tomar chá para que ela me contasse o que tinha dito na carta. Nessa tarde, começámos a falar das crianças: do filho dela, Lou, que tinha 3 ou 4 anos e do meu neto Valentin que era da mesma idade. Como adoro passear com ele no Jardim de Sceaux, aos domingos de manhã, ela quis vir comigo. Conversámos disto e daquilo e apercebi-me, espantadíssima, que aquela mulher de 39 anos tinha um verdadeiro terror de ir fazer 40: a passagem aos "enta" punha-a em pânico. Ora eu acho, pelo contrário, que a casa dos quarenta é uma idade magnífica para as mulheres porque - exactamente por causa dos medos que se tem - as torna muito mais vulneráveis. Acredito piamente que o medo de alguma coisa torna as pessoas mais sensíveis. Esse pânico das dezenas parece-me aliás sem qualquer razão, até porque aos 40 as mulheres são belas, interessantes e nada velhas. Daí me veio a ideia de fazer um filme sobre ela e sobre o medo dela de envelhecer".

Mas não se trata apenas do envelhecimento físico em **Jane B Par Agnès V**. Se bem que o filme o não diga, sentimos que por detrás (ou na frente) daquelas duas mulheres (a atriz e a realizadora) outro tempo passou. Em 1987 ou 1988, onde estava a fama que rodeou Jane Birkin nos anos 60 (**Blow-Up**) ou nos anos 70 (**Je T'Aime Moi Non Plus**)? Até que ponto (como se presente nas suas várias representações) ela se assume como fantasma de anos que não voltam mais? E Agnès Varda, com a memória da *nouvelle vague*, os *coq à l'âne* da *nouvelle vague* (e um dos momentos mais belos do filme é, quanto a mim, o do *travelling* que vai do galo ao burro, em sentido figurado e real) e a crença no directo de alguma *nouvelle vague*? O próprio título do filme parece uma auto-provocação a essa dúvida, como se se testasse a capacidade do espectador para localizar, ainda ou já, as Jane B ou a Agnès V ou, pelo contrário para perguntar quem são ou quem foram elas.

Daí que este filme se postule simultaneamente como um espaço aberto e como um espaço fechado. Na sua construção, parece (falsamente) aberto. Agnès Varda convida Jane Birkin para uma improvisação ("gostas de falar de filmes?" "gostas de falar de ti?") e diz-lhe constantemente que não há programa, que o filme será o que elas quiserem que seja (um filme em devir). Mas o que o cinema parece abrir, é fechado pela pintura. Constantemente (e nos mais belos planos da obra) Jane Birkin recria quadros célebres (de Tiziano aos surrealistas) e no interior desses quadros imobiliza-se-lhe a forma e não o gesto. Como se Varda não acreditasse na "espontaneidade" do cinema para recriar a imagem de Jane Birkin e acreditasse muito mais no "artifício" da composição para nos impor a beleza da atriz. Repare-se, por exemplo, nesse belíssimo e lentíssimo *travelling* sobre o corpo nu da atriz. Muito perto da pele, quase a roçando, a câmara percorre Jane dos pés à cabeça. Mas a beleza do corpo só se afirma quando é referida ao quadro (a "Vénus de Urbino", de Tiziano) em que Jane Birkin toma o lugar do modelo. Nesse momento (ou por exemplo nas citações de Dali ou Magritte) surge essa beleza perturbante da " vaidade da pintura". Quando esta cede o passo ao cinema, tudo nos parece muito mais frouxo como, por exemplo, nas cenas com Léotard, com Chopel ou com Léaud que me parecem absolutamente falhadas. Maior ainda (quase penoso) é o malogro do *sketch* Laurel e Hardy, com Laura Betti num Bucha grotesco e Jane Birkin num tristíssimo Estica (Agnès Varda disse que essa cena lhe fora sugerida pela semelhança da voz e do sotaque de Birkin com as do actor francês que costumava dobrar Stan Laurel).

Jane B par Agnès V é um acto de amor entre duas mulheres, da realizadora para a atriz da atriz para a realizadora. Para comungarmos dele era preciso que o nosso amor por Jane Birkin fosse (ou se tornasse) igual ao de Agnès Varda. Para mim - e só por mim posso falar - isso não funcionou. Nunca a mulher (ou o personagem) me pareceram suficientemente ricos e fascinantes para que a passagem dos "quadros vivos" à ficção pudesse funcionar.

Talvez Agnès Varda o tenha pressentido. Quando Jane Birkin lhe propõe a única ficção consistente (os seus fantasmas eróticos com rapazinhos de 15 anos), a Realizadora responde-lhe que isso é outro filme. E foi de facto outro filme. Precisamente, a obra seguinte de Agnès Varda, esse **Kung Fu Master** realizado no mesmo ano que me parece muito mais logrado e muito mais fascinante do que este filme-retrato ou do que este retrato-filme. Nele, existe e poderosamente um décor. Mas "o avesso" desse *décor*, de que tanto se fala, não está aqui, como acaba por não estar aqui o objecto do filme. Se alguém existe é Agnès V. Raramente ou nunca, Jane B.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico